



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO
BRASILEIRA-UNILAB
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

TAIS LOPES PEREIRA

**O EMPODERAMENTO FEMININO NA ALDEIA KANINDÉ DE ARATUBA: UM
RELATO DE VIDA**

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2023

TAIS LOPES PEREIRA

**O EMPODERAMENTO FEMININO NA ALDEIA KANINDÉ DE ARATUBA: UM
RELATO DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Administração Pública presencial do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharela em Administração Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Yumi Sugishita Kanikadan

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Pereira, Tais Lopes.

P493e

O Empoderamento feminino na aldeia kanindé de Aratuba: Um relato de vida / Tais Lopes Pereira. - Redenção, 2023. 0f: il.

Monografia - Curso de Administração Pública, Instituto De Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Andreia Yumi Sugishita Kanikadan.

1. Mulheres indígenas. 2. Empoderamento. 3. Políticas públicas. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 980.4113

TAIS LOPES PEREIRA

**O EMPODERAMENTO FEMININO NA ALDEIA KANINDÉ DE ARATUBA: UM
RELATO DE VIDA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharelada em Administração pública na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB.

Aprovado em: 24/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andreia Yumi Sugishita Kanikadan (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Rosalina Semedo de Andrade Tavares (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Maria do Rosário de Fatima Portela Cysne (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO

O empoderamento feminino é um tema de extrema relevância nos dias atuais, pois se trata de um movimento que busca promover a igualdade de gênero e garantir que as mulheres tenham poder, autonomia e controle sobre suas vidas. Portanto, este estudo tem como objetivo analisar o papel das mulheres na luta dentro do movimento indígena e sua participação nas políticas públicas a partir do relato de vida da autora deste estudo. Para a realização desse trabalho foi utilizada a técnica de observação participante, coletando informações sobre a atuação das mulheres indígenas nos coletivos e participação política nesses espaços em um relato de vida. Como resultado, observou-se um notável avanço no empoderamento das mulheres indígenas, as mulheres vêm quebrando vários tabus, seja no que diz respeito ao financeiro, o político e o social, pois podem acessar a universidade, ocupar cargos políticos, algo que nem sempre foi comum a estas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres indígenas, Empoderamento, políticas públicas

ABSTRACT

The empowerment of women is an extremely relevant topic in today's society, as it is a movement that seeks to promote gender equality and ensure that women have power, autonomy, and control over their lives. This study aims to analyze the role of women in the struggle within the indigenous movement and their participation in public policies based on the life story of the author of this study. The participant observation technique was used to collect information on the actions of indigenous women in collective movements and their political participation in these spaces. The results showed a remarkable advancement in the empowerment of indigenous women, as they have been breaking several taboos, whether in financial, political, or social aspects. They can now access universities and hold political positions, something that was not always common for these women.

Keywords: Indigenous women, Empowerment, Public policies

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 METODOLOGIA.....	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4 RELATO DE VIDA.....	13
5 ANÁLISE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

O empoderamento feminino é um tema de extrema relevância nos dias atuais, pois se trata de um movimento que busca promover a igualdade de gênero e garantir que as mulheres tenham poder, autonomia e controle sobre suas vidas. Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado diversas formas de discriminação e opressão, desde restrições legais até normas sociais restritivas e estereótipos de gênero prejudiciais. No contexto atual, o empoderamento feminino ganhou destaque como uma abordagem fundamental para enfrentar essas desigualdades e promover a justiça social. Trata-se de um processo que visa capacitar as mulheres, permitindo que elas tomem decisões informadas, tenham acesso a recursos e oportunidades, e sejam capazes de enfrentar os desafios que encontram em suas vidas. É importante destacar que o empoderamento feminino não significa a supremacia das mulheres sobre os homens. Trata-se de buscar a igualdade de gênero, onde homens e mulheres têm oportunidades e direitos iguais, e onde as mulheres são livres para fazer escolhas e exercer sua autonomia. Promover o empoderamento feminino é fundamental para alcançar a igualdade de gênero e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso requer o envolvimento de governos, instituições, organizações da sociedade civil e comunidades, bem como o apoio de homens e mulheres que reconhecem a importância de garantir os direitos e o poder das mulheres.

O empoderamento feminino visa eliminar barreiras que limitam as oportunidades e os direitos das mulheres, além de combater normas e estereótipos de gênero que restringem seu pleno desenvolvimento. No centro do empoderamento feminino está o reconhecimento de que as mulheres têm o direito de tomar suas próprias decisões sobre suas vidas, corpos e aspirações. Isso implica garantir o acesso igualitário a recursos, serviços e oportunidades, bem como promover o desenvolvimento de habilidades, autoconfiança e liderança. Além disso, o empoderamento feminino não se limita apenas às mulheres individualmente, mas também defende mudanças estruturais e sistêmicas que promovam a igualdade de gênero. Isso requer a colaboração de governos, instituições, organizações da sociedade civil e toda a sociedade para criar um ambiente inclusivo, onde todas as pessoas, independentemente do gênero, possam prosperar e contribuir plenamente. À medida que mais vozes se levantam e se unem em busca da igualdade de gênero, o empoderamento feminino se torna uma força poderosa para transformar as

sociedades e construir um futuro mais justo e equitativo para todos. O empoderamento é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde mulheres possam assumir espaços de liderança e ocupar e realizar plenamente os seus direitos. (CARNEIRO, S. 2017).

Por tudo isso, escolhi escrever um trabalho sobre o empoderamento feminino na aldeia, a realização desse trabalho é de extrema importância para os debates sobre a construção de identidade e integração com os povos indígenas, tema até hoje pouco compreendido e trabalhado. Com esse conhecimento, podemos abrir novas perspectivas e adicioná-las ao discurso social e político da universidade. O foco do debate com as mulheres indígenas Kanindé de Aratuba nos ajuda a conhecer e compreender a sociedade que nos rodeia, mas quão pouco é conhecida e repassada. Embora haja pouco trabalho feito e muito pouca pesquisa sobre a questão da mulher indígena, podemos notar que há uma riqueza de temas e debates que podem ser trazidos para o nosso contexto social e introduzido nos nossos discursos, pois apresentam um cenário rico de cultura e organização social de acordo com cada comunidade indígena, compreender como estas mulheres participaram no contexto social, cultural e político destas comunidades. Ainda que seja pouco vistas por nós, as mulheres indígenas participam cada vez mais de Conferências, Congressos, Oficinas, Encontros feitos pelas Organizações indígenas. Esses movimentos reúnem mais mulheres indígenas de diferentes etnias para novos espaços de discussão, trazendo força para suas organizações. Esse trabalho tem como justificativa tornar essas mulheres, as suas organizações, e as suas lutas e objetivos visíveis. Que não seja uma luta fechada entre elas nas suas comunidades, mas que suas lutas possam ser reconhecidas e alcancem seu espaço na sociedade. A pesquisa limitada que se concentrou nas questões das mulheres foi um grande estímulo para mim e encorajou-me a trabalhar em questões de gênero, uma vez que as mulheres indígenas são menos compreendidas e menos estudadas em termos de participação nas comunidades e, portanto encontrar subsídios para se desenvolver um trabalho que focasse no Empoderamento, na participação e o papel da mulher na sociedade Indígena. Assim, este trabalho tem como objetivo, analisar o papel das mulheres na luta dentro dos movimentos indígenas e sua participação nas políticas públicas, além de Identificar e analisar a ocupação laboral das mulheres na aldeia, relatar e compreender as questões e organizações das mulheres indígenas Kanindé, sua

participação nas suas comunidades, suas lutas dentro dos movimentos indígenas, e também sua participação nas políticas públicas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com estudos de artigos e trabalhos já feitos sobre a questão do empoderamento e da participação das mulheres indígenas na sociedade e comunidades indígenas. O foco é trabalhar a questão da representatividade das mulheres que atuam ativamente nas organizações de mulheres da Comunidade indígena dos Kanindé de Aratuba, como também a participação das mulheres da comunidade em geral. O estudo busca desenvolver questões e trazer informações que compreendam o trabalho de mulheres indígenas na vida política e social, como também a atuação delas como líderes de alguma atividade ou Organização dentro da comunidade, o estudo em si, visa estudar e conhecer as mulheres indígenas de forma geral. Trata-se de buscar informações documentadas para que se tenha conhecimentos sobre o campo estudado, colher informações e as problemáticas sobre elas, para que se busque também modos de solucioná-las. Trata-se de observar, seus pontos de vistas a respeito de sua própria participação na Sociedade e na Comunidade em que ela está inserida, assim como reconhecer erros ou falhas, e descobrir seus desejos e objetivos para com a situação.

Ao analisar e focar na memória coletiva se observa diferentes relatos que se organizam na nossa mente e de modo geral nos levam até a coletividade em que estamos inseridos. Com isso, a memória tem grande importância ao trazer de volta costumes, tradições, regras de vivência, assim como aspectos culturais, seja na dança, na música ou nas tradições culinárias.

Assim, a memória coletiva hierárquica de um grupo social ou comunidade, é de suma importância para se retratar o que é comum ao grupo, e o que o faz se diferenciar de outros grupos ou comunidades. História e Memória são aspectos que fazem parte e são valorizados no que se trata dos povos indígenas.

É a partir daí que são trazidos vários aspectos de sua cultura, e até uma reescrita da sua história. O fato de se acreditar na vivacidade de lembranças memoriais seja individual ou coletiva durante anos ou até décadas é algo presente na

Comunidade Indígena, o reconhecimento da palavra e não só da escrita. Para tanto utilizamos o relato de vida da autora desse estudo para compreender o tema em questão que é o empoderamento feminino na aldeia kanindé de Aratuba. Além desta técnica utilizamos a observação participante, informações sobre a atuação das mulheres indígenas nos coletivos e conhecer mais sobre a participação política nesses espaços.

A observação participante é uma técnica da antropologia que consiste em apreender o ponto de vista de quem fala, sua relação com a vida que leva, compreender sua visão de mundo, ou seja, é um esforço de entender a forma de viver a partir da vivência diária dentro de uma comunidade (Malinowski, 1980).

Além disso, essa técnica se torna pertinente pois as comunidades indígenas tem a tradição oral, o que torna a observação participante muito rica (Rodrigues, 2001).

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

O empoderamento feminino tem sido uma pauta cada vez mais relevante na sociedade contemporânea, buscando promover a igualdade de gênero e o reconhecimento dos direitos das mulheres. No contexto indígena, essa luta ganha contornos específicos e desafios particulares. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, as questões indígenas femininas eram tratadas exclusivamente pelas próprias mulheres, que eram escolhidas ou promovidas como lideranças de movimentos femininos. “Mulheres que, por vários caminhos acabavam se destacando e sendo acolhidas nas campanhas por direitos humanos na qualidade de vozes das comunidades e povos indígenas do País.” (VERDUM, pag. 16, 2008).

Ao longo das décadas, as mulheres indígenas têm lutado incansavelmente pelos seus direitos. Embora avanços significativos tenham sido alcançados no combate à violência e discriminação no contexto branco-indígena, infelizmente, essas questões persistem dentro das próprias comunidades. Relações conjugais, familiares e até mesmo entre as próprias comunidades indígenas são afetadas por práticas prejudiciais, como casamentos forçados, violência doméstica, limitações no acesso às terras e a prevalência do patriarcalismo. Esses desafios complexos requerem um cuidado especial para serem abordados e resolvidos da melhor forma possível. É de

extrema importância que as próprias comunidades indígenas liderem esses debates, em diálogo com as organizações femininas engajadas nessas questões. No Brasil, há um longo caminho a percorrer no tratamento dessas questões de violência e discriminação contra as mulheres indígenas. É fundamental construir alternativas e buscar métodos e soluções que promovam o respeito aos direitos dessas mulheres e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. “As duas primeiras organizações de mulheres indígenas foram constituídas na década de 1980, que foram a AMARN (Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro) e a AMITRUT (Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Taracúá, Rio Uaupés e Tiquié. Todas as outras só foram criadas a partir de 1990.” (SACCHI, Ângela, 2003, p. 96).

O empoderamento feminino das mulheres indígenas é um tema de grande relevância e complexidade. Nos últimos anos, tem havido um crescente reconhecimento da importância da participação política das mulheres indígenas e de suas organizações na busca por igualdade e valorização dentro de suas comunidades e sociedade em geral. Nesse contexto, o trabalho de Ângela Sacchi, intitulado "Mulheres e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas" (2003), oferece uma perspectiva valiosa ao explorar a presença e o papel das mulheres indígenas nas organizações em diferentes regiões do Brasil. Nesse estudo, Sacchi destaca que mais de 20 povos indígenas são representados por mulheres nessas organizações, e que a maioria delas surgiu a partir da década de 1990, com maior concentração na região amazônica. A pesquisa ressalta a importância dessas organizações femininas no movimento indígena, evidenciando a necessidade da presença das mulheres para representar as indígenas, lutar por seus direitos, realizar atividades e acompanhar documentos. Ao incorporar as análises de Sacchi, este trabalho busca contribuir para um maior entendimento do empoderamento feminino das mulheres indígenas e sua influência na promoção da igualdade e autonomia.

A inclusão das mulheres indígenas em espaços de discussão e tomada de decisões tem sido uma pauta prioritária nas últimas décadas. Essas mulheres têm lutado incansavelmente para terem suas vozes ouvidas e suas contribuições reconhecidas. “A presença cada vez mais significativa das mulheres indígenas em encontros, oficinas e conferências promovidas por organizações indígenas, instâncias

estatais e não governamentais é um reflexo da importância de sua participação ativa na definição de políticas e ações que afetam suas comunidades e territórios”. (SACCHI, 2003, p. 6). Essa citação destaca a relevância desse engajamento crescente e o impacto positivo que as mulheres indígenas têm na transformação social e na busca por justiça e equidade.

No âmbito do indigenismo brasileiro, é fundamental refletir sobre a inclusão das mulheres e a equidade de gênero. Embora tenham ocorrido avanços significativos nas políticas sociais nos últimos anos, é possível observar que as mulheres indígenas ainda enfrentam diversos desafios e são frequentemente negligenciadas. Neste contexto, é necessário examinar mais de perto a invisibilidade que envolve suas vozes e experiências, a fim de promover uma transformação mais abrangente e justa. “De modo geral, o que se constata é que as mulheres são ainda quase que “invisíveis” para o indigenismo brasileiro, apesar dos avanços efetivados nos últimos anos, no Brasil, no tocante às políticas sociais.” (VERDUM, Ricardo. 2008).

4. RELATO DE VIDA

Meu nome é Tais Lopes Pereira, tenho 23 anos, natural do município de Aratuba, pertencente a aldeia kanindé de Aratuba desde o meu nascimento, sou graduanda em Administração pública pela Unilab, adentrei na Universidade através do edital específico para indígenas e quilombolas, isso graças às lutas constantes de nossas lideranças que lutam e zelam por nossos direitos. Em dezembro de 2018 passo a residir no município de Redenção- CE, minha adaptação foi de modo tranquila mais ao mesmo tempo difícil, acompanhar essa dinâmica universitária foi um desafio, eu não estava habituada as rotinas de atividades, aos textos que eram propostos, as normas de escrita, foi tudo novo e ao mesmo tempo desafiador, mais no final tudo isso valeu e tá valendo a pena.

mulher indígena, oriunda do povo kanindé, filha de pais agricultores que sempre me incentivaram a estudar, acreditando que a educação poderia abrir portas e proporcionar um futuro melhor. Embora a renda fosse modesta, meus pais sempre valorizaram a educação e reconheciam a importância de buscar oportunidades fora da comunidade. Quando expressei meu desejo de ingressar na universidade, meus pais me apoiaram e me encorajaram a buscar meus sonhos e acreditavam que a

educação poderia me capacitar a fazer a diferença e mesmo enfrentando desafios financeiros, meus pais fizeram o possível para me ajudar.

Quando eu era criança, sonhava em seguir os passos dos meus antepassados e me tornar uma grande representante dentro da comunidade. Desde pequena, cresci ouvindo histórias sobre a importância da nossa cultura, a luta pela preservação da nossa terra e a defesa dos direitos indígenas, essas histórias me inspiraram a querer fazer a diferença na minha comunidade.

Ser mulher indígena me enche de orgulho e gratidão pelas bênçãos que recebi e pelos desafios que superei. Minha infância me trouxe aprendizados valiosos e a certeza de que a minha missão é lutar, ser voz e dar voz à minha comunidade. Quando chegou o momento de decidir sobre minha educação superior vi na Administração pública uma oportunidade de adquirir conhecimentos que pudessem me ajudar futuramente, logo a escolha pelo curso de Administração Pública foi uma decisão que se deu a partir de uma reflexão sobre as necessidades e desafios enfrentados pela minha comunidade, além disso, percebi que a área de Administração Pública poderia ser uma ferramenta importante para fortalecer nossas lutas e reivindicações por direitos indígenas.

Assim, decidi me matricular no curso de Administração Pública, que foi através de editais específicos para indígenas e quilombolas na qual obtive primeiro lugar de três vagas e isso foi gratificante para mim, e escolha por esse curso tem sido uma experiência transformadora na minha vida.

Felizmente, eu não estava sozinha nessa jornada, pessoas de meu convívio que também tinham ingressado na universidade, inclusive adentraram por editais específicos. No entanto isso me inspirou a ir em busca dos meus sonhos, pois sabia que não estava sozinha, além de ter na família tios que são professores na qual me espelhei e vi que eu poderia ser mais uma formada da família.

Além deste relato, na atualidade em que vivemos as mulheres vem quebrando vários tabus seja no que diz respeito ao financeiro, o político, o social. Na aldeia kanindé de Aratuba não é diferente, hoje em dia temos muitas mulheres representativas dentro da nossa comunidade. Apesar dos desafios encontrados por mulheres ao entrarem em um caminho que historicamente é masculino, elas estão

cada vez mais alcançando os homens e eliminando barreiras ano após ano, em busca do reconhecimento e igualdade de oportunidades. Temos em nossa comunidade mulheres artesãs, mulheres que defendem cargos de poder, mulheres que é representante em uma associação, temos uma mulher indígena que é presidenta do sindicato dos trabalhadores rurais no município de Aratuba.

A partir disso, podemos destacar um exemplo prático e muito próximo da realidade deste estudo. Trata-se de uma mulher indígena, pertencente a etnia Kanindé, que atualmente, é a única indígena eleita atualmente no Estado do Ceará. Elky Barroso, natural de Aratuba-Ce, dentre os 45 indígenas candidatos a cargos políticos ela foi a única mulher eleita nas eleições municipais de 2020, e atua como presidenta da Câmara Municipal. Segundo uma publicação do portal de notícias “O povo online”, em uma entrevista realizada com a mesma, ela declara que em sua campanha como vereadora foi vítima de calúnias disparada em rede sociais, sofreu manifestações de preconceito por conta de sua origem indígena.

Isso mostra que as mulheres indígenas ainda não têm aceitação na esfera política e que sua cultura e raízes também as colocam numa posição incômoda. Apesar de lutarmos durante tantos anos pelo reconhecimento das mulheres indígenas na sociedade, este preconceito infelizmente ainda existe. Desde a colonização em 1500, as mulheres indígenas tem sofrido violência a vários níveis, sejam eles morais, físicos ou psicológicos. Ainda assim, após 520 anos de luta e resistência das mulheres indígenas por espaço, vemos que atualmente esse espaço ainda não é aceito ou considerado existente por todos. Contudo, através da ação de mulheres fortes, esta realidade vai se tornando outra. Em âmbito global um grande marco para as mulheres foi o direito ao voto, conquistado em 1932, conquista essa que se deu a partir de grande luta e resistência.

Uma das características das mulheres Kanindé é a apreciação e o contato com a natureza, outra característica notável comum entre elas é a produção de utensílios religiosos e de decoração com base em argila, madeira, bambu e penas de aves, além de confeccionar pinturas corporais utilizadas em processos de caça e de guerra ou em festivais religiosos, a produção de lambedores, brincos, pulseiras e artesanato em geral.

No artesanato do Povo Kanindé, a Matemática é apresentada através da simetria de seus traçados, de modo que se pode compreender que a ornamentação geométrica de artesanatos em madeiras, cerâmicas, tecidos, ou até mesmo nas pinturas corporais se baseiam em vários conceitos e ideias. Porém, isso não significa dizer que a matemática existente nesses trabalhos só se torne válida por serem expressas dessa maneira, pelo contrário, a matemática também está presente na ornamentação da cestaria o que valoriza ainda mais o conhecimento matemático das artesãs indígenas, demonstrando assim que o conhecimento.

Outro grande exemplo de empoderamento feminino é a Cacika Irê, nativa do povo Jenipapo-Kanindé, uma liderança indígena que luta para garantir os direitos à vida, à educação, à saúde e à terra dos povos Indígenas. É com a força da natureza e de seu povo que Cacika Irê tem buscado se manter firme na luta em prol dos povos indígenas. Cacika Irê do Povo Jenipapo-Kanindé, foi nomeada Secretária dos Povos Indígenas do Ceará pelo Governador do Estado, Elmano de Freitas. A nova Secretária é liderança reconhecida no movimento indígena cearense e nacional.

As mulheres indígenas desempenham um papel historicamente fundamental nas famílias, comunidades e vida de seus povos, são mulheres que devem ser visibilizadas, ter seus direitos preservados e ser reconhecidas pela resistência e contribuição histórica da cidade. Dentro de nossa aldeia existiu e existe várias mulheres que desempenham grandes papéis que desenvolveram tanto na área medicinal, como na parte social que devemos levar pra vida toda, temos exemplo de uma mulher que ensinou com o pouco que sabia, além de lutar com algumas lideranças dentro de nossa aldeia para se ter uma educação diferenciada, além de ensinar as disciplinas básicas, tentar relatar um pouco sobre o nosso povo, a nossa cultura, os nossos costumes, mulher essa que foi uma das primeiras professoras da comunidade que lutou pela conquista do colégio indígena, que é a escola Manoel Francisco dos Santos. Tivemos outro grande exemplo dentro da nossa comunidade, na qual foi parteira, rezadeira, além de ser referência na produção de determinados remédios caseiros com plantas medicinais na qual a mesma produzia, temos esses exemplos como referência que trazem consigo as marcas de lutas e resistências.

5. ANÁLISE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo delimitado focado na questão da mulher foi um estímulo na qual me incentivou a trabalhar a questão do gênero, já que a mulher indígena é ainda menos conhecida e estudada no que diz respeito a sua participação nas Comunidades Indígenas, e assim encontrar subsídios para que pudesse desenvolver um trabalho que focasse na “Participação e o Papel da Mulher na Sociedade Indígena”, com o objetivo de analisar o papel das mulheres na luta dentro dos movimentos indígenas e sua participação nas políticas públicas e Identificar a ocupação laboral das mulheres na aldeia; analisar, relatar e compreender as questões e organizações das mulheres indígenas Kanindé, sua participação nas suas comunidades, suas lutas dentro dos movimentos indígenas, e também sua participação nas políticas públicas. A realização desse trabalho sobre a mulher indígena é de bastante importância para o debate da construção de identidade e integração com os povos indígenas que ainda é pouco conhecido e trabalhado atualmente, e a partir desse conhecimento, poderemos abrir novos olhares e acrescentá-los no discurso social e político.

As mulheres kanindé tem atuado todos esses anos nas questões relacionadas a educação, saúde, liderança, e no meio político. Grande parte das mulheres kanindé exercem suas funções laborais do dia a dia nas questões relacionadas a agricultura, outras com produções de artesanato dentro da comunidade na qual isso está relacionada como uma fonte de renda para o seu sustento, hoje temos mulheres formadas em várias áreas na qual exercem suas funções dentro da própria comunidade professoras, enfermeiras, mulheres a frente do comando escolar, e como citei anteriormente, temos em nossa comunidade mulheres artesãs, mulheres que defendem cargos de poder, mulheres que é representante de associação, temos uma mulher indígena que é presidenta do sindicato dos trabalhadores rurais no município, e também temos mulheres no meio político que representa a comunidade em si, e isso mostra o quanto que essas mulheres vem quebrando tabus e ocupando seus devidos espaços.

Em conclusão, a partir dos dados que foram levantados ao longo do trabalho, nota-se que mesmo sendo pouco trabalhado, e com poucos estudos sobre a questão da mulher indígena, pode-se notar a riqueza de assuntos e debates que poderiam ser

trazidos para o nosso meio social e introduzido nos nossos discursos, por apresentar um cenário rico de cultura e organização social de acordo com cada comunidade indígena, e conhecer como se dá a participação dessas mulheres no contexto social, cultural e político dessas comunidades.

Considerando a relevância e a complexidade do tema abordado neste estudo sobre o empoderamento feminino de mulheres indígenas, algumas áreas de pesquisa futura podem enriquecer ainda mais essa discussão. Uma linha de investigação promissora seria a análise comparativa entre diferentes grupos étnicos indígenas, a fim de compreender as particularidades e semelhanças em relação às experiências de empoderamento feminino. Isso permitiria uma compreensão mais abrangente das dinâmicas culturais, sociais e históricas que influenciam o processo de empoderamento em diferentes contextos étnicos. Além disso, é fundamental explorar a eficácia das políticas públicas e programas de empoderamento voltados especificamente para mulheres indígenas. A avaliação dessas iniciativas, identificando seus impactos positivos e possíveis desafios, contribuiria para o aprimoramento das estratégias de empoderamento e para a adoção de políticas mais efetivas.

Por fim, é fundamental que futuras pesquisas se aprofundem na voz e na perspectiva das próprias mulheres indígenas. Estudos qualitativos que envolvam a participação ativa dessas mulheres em processos de pesquisa podem fornecer uma compreensão mais rica e autêntica de suas experiências de empoderamento, bem como contribuir para a promoção da autonomia e da valorização de suas vozes.

REFERÊNCIAS

- Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 7, volume 14 (1 e 2): 95-110 (2003)
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da história: Ensaios da teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SACCHI, Ângela. **Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 7, vol. 14 (1 e 2), 2003.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo**. Rio de Janeiro, 2012.
- MARTINS, S. G.; SANTOS, S. S. **Pelas veredas da memória: história, afirmação étnica e organização comunitária entre os índios Kanindé**. 2016. 49 f. (Monografia em Licenciatura Intercultural Indígena) – Programa de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- VERDUM, Ricardo (Org). *Mulheres indígenas, direitos e políticas públicas*. Brasília: INESC, 2008. 87p.
- SOUSA, Alice. Quem é a única mulher indígena eleita no Ceará. **O povo online**; 04 de dez. de 2020. Disponível em:< <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/12/04/quem-e-aunica-indigena-eleita-no-ceara.html>>; Acesso em: 10 de abril de 2021.
- GAMA, Luana. Mulheres indígenas que são símbolo de resistência. Dicas de mulher, 08 de set. de 2022. Disponível em: < <https://www.dicasdemulher.com.br/mulheres-indigenas/>>; Acesso em 03 de outubro de 2023.
- WEBE SITE: <https://kanindeescola.wixsite.com/escola-kaninde>
- PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CEARA, vermelho. **Cacika irê quer a voz indígena no parlamento cearense**. vermelho.org.br; 24 de set. de 2022. Disponível em: < <https://vermelho.org.br/2022/06/24/cacika-ire-quer-a-voz-indigena-no-parlamento/>>; Acesso em 03 de outubro de 2023.
- CARNEIRO, S. (2017). **Empoderamento feminino e direito das mulheres**, Revista Brasileira de Estudo de Gênero e Sexualidade, 3(2), 45-46.